

que é pródigo o sistema de ensino francês (CM1, CM2, CAP, BEP, DEUG, IUT, DEA, IUFM etc.), e algumas indicações bibliográficas organizadas por temas.

Ao longo de todo o texto emergem certas questões, tais como: o aparecimento tardio da co-educação em estabelecimentos mistos, as relações da rede particular com o Estado (a histórica "querela escolar"), os avanços da pré-escolarização, a inferiorização dos ramos técnicos, a coexistência de duas redes no interior do terceiro grau (Universidades e Grandes Escolas), para citar apenas algumas das peculiaridades do sistema francês.

É claro que alguns temas foram deixados de lado, como, por exemplo, a interessante polêmica atual em torno das idéias de "baisse du niveau" (queda do nível do ensino), ou os problemas colocados pela escolarização dos filhos dos trabalhadores imigrantes. Mas não se poderia cobrar de uma obra de síntese uma extensão em todas as direções.

Digna de elogios é ainda a atitude da autora de buscar apoio — para cada um dos assuntos abordados — nos especialistas de cada área: seja nos estudos de História da Educação de A. Prost, nos de L. Tanguy para o ensino técnico, nos de C. Baudelot e R. Estabiet para escolarização feminina, ou de A. Van-Zanten para a relação escola/comunidade local, entre outros exemplos.

Entretanto algumas poucas conclusões demandariam, a meu ver, uma reflexão mais aprofundada que decerto só encontraria abrigo no quadro de um outro tipo de estudo. Dentre elas menciono duas: a primeira refere-se à afirmativa de que "na França a ligação entre o diploma e a posição social é relativamente estreita" (p. 90). Tal afirmação mereceria uma discussão maior que levasse em conta os resultados das pesquisas de R. Boudon (*L'inégalité des chances*), ou mesmo a tese da rentabilidade diferencial do diploma segundo o capital social possuído pela família do portador, defendida por P. Bourdieu. A segunda conclu-

são, referente à crença de que as famílias aceitam sem questionar os veredictos da orientação escolar (p.93), deve ser nuançada. Certas frações das classes médias contestam sem hesitação as decisões da orientação sempre que estas estejam em desacordo com seus projetos escolares, como demonstrou J. Devouassoux-Merakchi (*La petite-bourgeoisie et l'école*).

De todo modo, o que Maria Vasconcellos nos entrega aqui é um competente trabalho de síntese que soube afastar a facilidade das idéias consagradas (afinal trata-se de um objeto sobre o qual muito se escreve na França). Quem sabe não estará com ele estimulando o pesquisador em educação brasileira a seguir seu exemplo?

Maria Alice Nogueira

O ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E REFLEXÕES

Maria Laura Puglisi Barbosa Franco
São Paulo: Papirus, 1994

O livro é uma coletânea de importantes textos produzidos pela autora, obra que não apenas revela o seu compromisso acadêmico com questões acerca do ensino médio brasileiro mas também com a construção de um saber alicerçado no caráter histórico-social da realidade investigada. O trabalho está dividido em duas partes, englobando resultados de pesquisa, análise e discussão crítica sobre a relação educação/trabalho no âmbito do ensino médio e reflexão sobre questões epistemológicas e técnico-metodológicas da prática da pesquisa.

A primeira parte, composta de seis capítulos, reúne textos sobre a educação de nível médio. O capítulo I consta de um diagnóstico representativo, que caracteriza a oferta do ensino de 2º grau no município de São Paulo e as modalidades profissionalizantes existentes (tanto na rede estadual como na rede particu-

lar) nos anos de 1982 e 1987, cujos resultados, no seu conjunto, revelam insignificantes alterações na situação analisada. A autora tem a preocupação, na construção desse diagnóstico, em situar os dados dentro de uma discussão acerca da "escola como uma oportunidade para capacitar o aluno a compreender o trabalho como categoria social e histórica" para assim poder "auto-identificar-se como sujeito histórico e capacitar-se a rever suas condições reais de subsistência, questioná-las e pensar em agir no sentido de transformá-las".

No capítulo 2 consta o relato de uma pesquisa qualitativa realizada junto a alunos de cursos profissionalizantes da cidade de São Paulo. A autora busca identificar as condições de subsistência, necessidades, dificuldades, expectativas e aspirações desses alunos. São sujeitos considerados peças fundamentais para a compreensão do processo ensino—aprendizagem bem como para a definição de diretrizes políticas educacionais.

Buscando o aprofundamento dessa problemática, Franco passa a desenvolver estudos da situação de egressos do ensino médio. O capítulo 3 apresenta uma reflexão acerca do ensino agrícola, a partir da análise do discurso oficial, que tem historicamente definido suas linhas norteadoras. Ressalta a pesquisadora a importância desse tipo de análise, devido ao ensino técnico agrícola, dentre inúmeras modalidades de ensino médio, concentrar uma "grande possibilidade de expressar não apenas distorções *formais* entre os textos legais e a realidade mas também *contradições reais* que se instalam na sociedade mais abrangente".

No capítulo 4 relata a pesquisa desenvolvida junto a egressos de três escolas agrotécnicas dos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. O tratamento da problemática passa inicialmente pela discussão da concepção mais geral da questão agrária no Brasil e da questão da tecnologia, tanto no conjunto das condições pedagógicas como à luz de seus

parâmetros sociais, econômicos e políticos. Embora se constate o compromisso em estudar a escola de origem dos egressos e a comunidade regional em que está situada, os dados empíricos analisados referem-se, apenas, aos egressos.

A autora destaca na análise das representações sociais desses sujeitos "a necessidade de se repensar a função da escola na formação política dos alunos de 2º grau, principalmente se considerarmos que as condições de vida e o engajamento no trabalho podem predispor a maioria dessa faixa da população à compreensão mais clara das contradições implícitas no meio social em que vive. O papel tradicional da escola, sabemos, é, nesta estrutura, o de desviar a análise dessas contradições vivenciadas, transmitindo um conteúdo alienante, superficial, barateado e muitas vezes falso".

A leitura que se faz deste livro revela que a trajetória de produção de pesquisa a respeito do ensino de 2º grau definitivamente conduziu Franco ao patamar de discussão "teoricamente mais elaborado". Sua caminhada a esse patamar passa pelas seguintes temáticas: a nova LDB e o conceito do "trabalho como princípio educativo"; os novos paradigmas sobre o significado de ciência e tecnologia; os indicadores da qualidade de ensino (destacando em especial o ensino médio) para o encaminhamento de políticas educacionais mais adequadas e realistas; e as novas tecnologias e impactos na gestão do trabalho e qualificação profissional (capítulos 5 e 6).

O capítulo 7, que dá início à segunda parte, apresenta o diálogo que a pesquisadora desenvolve com o prof. Sérgio Luna, a partir do seu texto "O Falso conflito entre tendências metodológicas" (*Cadernos de Pesquisa*, n.66, 1988). Constituinte um aprofundamento à discussão epistemológica da prática da pesquisa, o conteúdo desse capítulo apresenta questionamentos sobre princípios da abordagem metodológica linear, tecnicista e naturalista, "cientificista" e su-

postamente consensual na relação entre sujeito e objeto do conhecimento.

Para a superação dessa postura, Franco afirma que o ponto de partida para a produção do conhecimento "são os homens em sua atividade real, vivendo no coletivo das relações sociais, historicamente determinadas, e produzindo a realidade, ainda que esses homens não tenham consciência de ser seus únicos produtores". Assim, "a ciência real começa na vida real, na atividade prática. Portanto, a verdadeira atividade — a práxis — é teórica/prática e, nesse sentido, é relacional, é crítica, é transformadora, pois é teórica sem ser mera contemplação — uma vez que é a teoria que guia a ação — e é prática sem ser mera aplicação da teoria — uma vez que a prática é a própria ação guiada e mediada pela teoria".

Dessa maneira, mediante a análise de concepções e princípios de tendências metodológicas, a pesquisadora reflete sobre a construção do conhecimento no âmbito de uma perspectiva de totalidade, enfatizando a importância das relações entre o produto do conhecimento e o processo de sua construção, do contexto social e da forma de conexão que conferem ao saber produzido; enfim, do papel das rupturas, das contradições e das tensões históricas.

A produção apresentada nesse livro tem também sua origem no cotidiano do exercício da docência da autora. Os capítulos 8 e 9 são textos que buscam apresentar informações, "mais didáticas e instrumen-

tais acerca de procedimentos a serem adotados para coleta e interpretação de dados", demandadas pelas dificuldades de alunos de pós-graduação em Psicologia da Educação quando da elaboração de suas dissertações e teses.

Para essa tarefa de esclarecimento, a professora procura desenvolver uma discussão inserida evidentemente numa "concepção crítica da realidade, em que se levam em conta os elementos processuais, as próprias situações investigadas e a possibilidade de transformação dessas situações".

É indiscutível a contribuição dessa coletânea, não apenas por elucidar de maneira substantiva a reflexão e o debate acerca do ensino médio brasileiro e da própria prática da pesquisa, mas também por mostrar uma vida acadêmica fecunda e comprometida com questões socialmente relevantes para a nossa sociedade e cuja temática educação/trabalho, referência central de sua reflexão, se desenvolve no rigor de uma postura crítica, lúcida e esclarecedora.

Nesse sentido, o seu conteúdo é indispensável a todos aqueles preocupados com a discussão crítica não apenas do ensino de nível médio mas da educação brasileira no contexto social e político contemporâneo.

Otilia Maria Lúcia Barbosa Seiffert